



RELICI

## A PRESENÇA DE JUDY GARLAND NO CINEMA CLÁSSICO DE HOLLYWOOD<sup>1</sup>

*Patricia de Andrade*<sup>2</sup>

### RESUMO

Entendendo Judy Garland como uma das estrelas de Hollywood, este artigo tem o objetivo de compreender de que maneira os efeitos do Star System, estudados por Margarida Adamatti, refletiram sobre a personalidade e a persona de Judy Garland. Sob este propósito, o trabalho biográfico desenvolvido por David Shipman (1987) foi considerado, na intenção de se obter informações privilegiadas a respeito de suas experiências nos estúdios de Hollywood. Ainda, buscou-se em Estés (1999) apoio teórico para as análises do emocional de Judy Garland, bem como autores estudiosos do universo LGBTQ+, para defenderem sua imagem frente ao universo gay. Para o desenvolvimento deste artigo, dividido em três capítulos mais introdução e considerações finais, o método de pesquisa utilizado foi o dialético, que atenta para os fatos prevendo contradições e superações relacionadas aos problemas de pesquisa.

**Palavras-Chave:** cinema clássico, *star system*. Judy Garland, O mágico de Oz, Hollywood.

### ABSTRACT

Understanding Judy Garland as one of the stars of Hollywood, this article aims to understand how the effects of the Star System, studied by Margarida Adamatti, reflected on Judy Garland's personality and persona. In this regard, the biographical work developed by David Shipman (1987) was considered in order to obtain insider information about his experiences at the Hollywood studios. Also, Estés (1999) sought theoretical support for the emotional analysis of Judy Garland, as well as studios authors of the LGBTQ + universe, to defend their image against the gay universe. For the development of this article, divided into three chapters plus introduction and final considerations, the research method used was the dialectic, which pays attention to the facts predicting contradictions and overcoming related to research problems.

**Keywords:** classic cinema, star system, Judy Garland, The Wizard of Oz, Hollywood.

---

<sup>1</sup> Recebido em 16/10/2019.

<sup>2</sup> Universidade Tuiuti do Paraná. [pathy\\_segatta@hotmail.com](mailto:pathy_segatta@hotmail.com)

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. 2, p. 117-129, mai-ago, 2020

ISSN: 2357-8807



RELICI

## INTRODUÇÃO

*O mágico de Oz* (1939)<sup>3</sup> é um filme de fantasia musical do cinema clássico norte-americano, produzido pela Metro-Goldwin-Mayer, sob a direção de Vitor Fleming. A produção é a adaptação do mais conhecido conto de fadas literário de L. Frank Baum (1900), que eternizou a imagem dócil e romântica da personagem Dorothy Gale, a menina que cantou sobre ultrapassar o arco-íris e lutar pelos seus sonhos. Rendeu ainda à MGM o Oscar de Melhor Canção em 1940, com a música *Somewhere over the rainbow*, interpretada pela protagonista Judy Garland.

Assim como tantas outras, brilhou a estrela de Judy Garland após este filme. Uma das personalidades femininas da indústria do entretenimento estadunidense, Judy recebeu destaque durante a década de 1940 e refletiu os abusos experienciados pelo sistema de estúdios hollywoodianos denominado Star System (SHIPMAN, 1997, p. 11).

## FAMA NA ADOLESCÊNCIA

Nascida Frances Ethel Gumm, ela iniciou sua carreira cantando no *vaudeville*, apresentando-se com suas irmãs, as *Gumm Sisters*, até o momento em que sua voz e sua vulnerabilidade lhe proporcionaram um contrato com a MGM, aos 13 anos de idade. Nesta época, já não encontrava espaço nos filmes com crianças (pois era mais velha que Shirley Temple, na época com seis anos de idade e que vinha despontando nas telas de cinema) e ainda estava entrando na adolescência, com todos os problemas decorrentes dessa idade, como, em seu caso, uma tendência ao sobrepeso. De acordo com Shipman (1997), a famosa colunista de fofocas da época Hedda Hooper a descreveu como “uma jovem fofinha de olhos redondos” (SHIPMAN, 1997, p. 66).

---

<sup>3</sup> *The wizard of Oz* (1939), no título original é um filme de fantasia musical, produzido pela Metro-Goldwin Mayer, sob a direção de Vitor Fleming.



RELICI

Frances chamou a atenção dos produtores musicais, Arthur Freed<sup>4</sup> e Roger Edens<sup>5</sup>, que logo passaram a trabalhar forjando seus talentos e mudando seu nome, o que era uma prática comum no *Star System*<sup>6</sup>. A adoção de nova identidade era um sinal de que Frances estava pronta para se tornar uma estrela. Até encontrar um batismo sonoro e adequado, houve várias mudanças: a jovem foi Baby Gumm, Frances Gumm, Gracie Gumm, Alice Gumm, Frances Gayne e Frances Garland, para não mencionar uma das “Pequenas Lee”. Tornou-se Judy depois de cantar a música de Hoagy Carmichael, com esse título. “Ela havia cantado com seu humor malicioso uma frase da letra que se revelaria profética: *Se você acha que ela é uma santa e depois descobre que não é, ela é Judy*” (SHIPMAN, 1997, p. 69).

Desde o início, não tinha o perfil físico das outras estrelas de Hollywood. Com apenas 1,51m de altura e uma má postura da coluna vertebral, sempre se julgou contra os padrões de beleza do Sistema de Estrelas. Seguindo as informações de Shipman, (1997) Judy era constantemente humilhada e comparada às outras estrelas do estúdio – talvez aí, habite o início da sua insegurança. Frequentemente Garland concordava com as notícias a seu respeito, achando-se feia, gorda e incapaz. “Imaginava que as produções de cabelos e maquiagens a deixariam automaticamente deslumbrante. [...] Então se via na tela. Era o pior momento da sua vida, pois acreditava que suas sardas estavam ressaltadas, estava gorda e sua atuação era péssima” (Id., *ibid.*, p. 134).

Pensando em decolar a carreira de Garland, os estúdios MGM utilizaram a estratégia de unir Judy a Mickey Rooney, transformando-os em um casal adolescente de Hollywood. Para acompanhar o ritmo das gravações, Garland fazia

---

<sup>4</sup> Arthur Freed foi compositor e produtor cinematográfico estadunidense, reconhecido por seu trabalho em musicais dos anos 1930 a 1950.

<sup>5</sup> Roger Edens foi um compositor de Hollywood, arranjador e produtor associado. É considerado grande figura criativa na produção de musicais da MGM durante a Era de Ouro de Hollywood.

<sup>6</sup> O modelo de *Star System* surgiu nos EUA com o crescimento da indústria do cinema em Hollywood, nas primeiras décadas do Século XX. O modelo se refletia na figura dos atores que eram consideradas estrelas para a sociedade.



RELICI

120

uso de anfetaminas e barbitúricos que lhes eram receitados frequentemente pelos médicos do estúdio.

Segundo Fricke, Scarfone e Stillman (1989), em 1938, aos 16 anos de idade, Judy conseguiu o papel principal para interpretar Dorothy Gale e cantar a canção pela qual é conhecida até os dias de hoje: *Somewhere over the rainbow*. A canção é um lamento no qual a letra fala sobre viver em um lugar onde não existem problemas, desejando que os sonhos que ousa sonhar se tornem realidade.

Escolhida pelo Chefe de Estúdio Louis B. Mayer<sup>7</sup>, o papel de Dorothy Gale foi entregue a ela. A princípio ela utilizaria uma peruca loira para a personagem, mas os produtores decidiram alterar este figurino, caracterizando Dorothy apenas como uma garotinha ingênua e bem mais nova do que realmente era, assim como a descrição da personagem, no conto de Baum publicado em 1900 (FRICKE, SCARFONE, STILLMAN, 1989, p.72). Esta informação também é confirmada por Shipman, enquanto aborda os detalhes da produção do filme de 1939.

Judy Garland parecia artificial. Estava usando maquiagem demais. Estava bonita demais. E como ela era jovem e inexperiente – embora talentosa -, estava cometendo o erro de tentar ser uma *gracinha*, representando num tom de contos de fadas. A idéia básica da história era uma garota completamente normal do Kansas convivendo com todas aquelas aberrações. Se a menina parecesse real, o filme inteiro ficaria muito divertido (CUKOR in SHIPMAN, 1997, p. 116 ).<sup>8</sup>

A aceitação que tivera em *O mágico de Oz (1939)* foi entendida como uma fórmula de sucesso pela MGM. Pensando em Judy na personagem Dorothy Gale, três características se destacam. A rejeição, a infelicidade e o sonho acompanharam Garland por toda sua vida e também nos demais personagens que interpretara. Segundo Margarida Adamatti (2018), trata-se de um processo de “mídiatização da persona” no qual os estúdios criam a identidade da estrela, mesclando

<sup>7</sup> Louis B. Mayer foi um produtor de cinema estadunidense, conhecido como um dos fundadores do estúdio MGM, em Hollywood.

<sup>8</sup> George Cukor foi responsável pela produção de muitos filmes famosos da MGM, incluindo *O mágico de Oz (1939)* e *Nasce uma estrela (1954)*. In: SHIPMAN (1997).



RELICI

121

características da personagem e da atriz, a fim de que o público, interessado em acompanhar a estrela, busque cada vez mais conhecer sobre a vida particular da atriz. Ainda segundo Adamatti (2018), essa era prática comum do Star System, por volta dos anos 1930, em um processo de construção da vida midiática das estrelas. Pela sua atuação em *O mágico de Oz* (1939), recebeu um Oscar Juvenil na premiação de 1940. Apesar da ascensão na carreira, dos prêmios, dos elogios da crítica a respeito da sua capacidade de lotar salas de exibição em todo o mundo, sua vida particular era uma constante busca pela felicidade.

Um estúdio de Hollywood não era um ambiente favorável para uma adolescente insegura. [...] As dificuldades que Garland já sofrera em sua vida condicionaram-na a buscar por outro final feliz, e outro, e outro... Quanto maior o sucesso, maior o apetite por mais (SHIPMAN, 1997, p. 98).

## CARREIRA EM QUEDA

*Nasce uma estrela*<sup>9</sup> (1954), que em 2018 teve sua mais nova versão nos cinemas<sup>10</sup>, assim como *O mágico de Oz* (1939) foi um marco na carreira de Judy. A história narra a jovem Esther Blodgett, uma sonhadora artista que deseja se tornar grande estrela do cinema americano. Seus desejos se tornam realidade ao conhecer o astro de Hollywood Norman Maine (James Mason) e os dois se apaixonam. Depois de um tempo, casam-se e a carreira de Esther começa realmente a decolar, passando a ser conhecida pelo nome artístico de Vicky Lester. Enquanto sua fama aumenta, seu marido está cada vez mais decadente e afundado no álcool, o que começa a abalar a carreira de Vicky. Neste referido filme pode-se destacar a interpretação de Judy Garland, que pôde ver, na história do personagem de Mason, o reflexo de sua própria vida, que estava decadente.

---

<sup>9</sup> *Star is Born* (1937/1954/1976/2018), no título original. Cinco anos antes da primeira versão, em 1932, a mesma história deu origem ao filme *What a Price Hollywood?* (1932), indicado ao prêmio de melhor roteiro original, no Oscar de 1933.

<sup>10</sup> Na versão de 2018, o filme *Nasce uma estrela* (1937/1954/1976) foi estrelado por Lady Gaga e dirigido por Bradley Cooper, que também interpretou seu parceiro de cena.



RELICI

De acordo com Shipman (1997), a vida de Judy, até então, tinha sido uma sucessão de atrasos, compromissos cancelados, substituições em filmes e amores infelizes. Já havia rescindido contrato com a MGM e tentado o suicídio. Tentou também se libertar das drogas para dormir e se manter acordada enquanto estava nos estúdios fazendo *Nasce uma estrela* (1954). Assim como retratado neste filme, os veículos de comunicação insistiam na divulgação de que retomava aos áureos tempos, talvez na tentativa de justificar o que é permitido para a realidade de uma estrela. Ou pelo simples fato de manter seu nome na mídia como parte da estratégia de humanização desta atriz, colocando-a como vítima, a fim de aproximá-la e igualá-la aos seres comuns, como era de prática dos grandes estúdios de Hollywood.

Por sua atuação nesta produção de 1954, ganhou um *Golden Globe* no ano seguinte. Foi também indicada ao *Oscar* de Melhor Atriz em 1955, mas a Academia resolveu premiar Grace Kelly por *Amar é sofrer* (1954)<sup>11</sup>, de George Seaton, ao invés de Judy Garland. Suas expectativas estavam todas aí depositadas e esta falta de reconhecimento a levou novamente às drogas (SHIPMAN, 1997, p. 301).

Em 1962, Judy foi indicada ao *Golden Globe* e ao *Oscar* de Melhor Atriz Coadjuvante pelo filme *O julgamento de Nuremberg* (1961)<sup>12</sup>, mas, novamente, não obteve sucesso na premiação. Neste mesmo ano, foi a primeira mulher a receber o *Prêmio Cecil B. DeMille*<sup>13</sup> pelo conjunto de trabalhos cinematográficos, mas sua saúde física já não correspondia à sua imagem. Ao final, “parecia não saber ao certo onde terminava sua vida pessoal e começava a vida pública. Essa figura frágil e esquelética era uma sombra da antiga Judy Garland” (Id., *ibid.*, p. 578).

Judy Garland morreu aos 46 anos de idade, no dia 24 junho de 1969, deixando um montante de quatro milhões de dólares em dívidas. “Morte acidental

<sup>11</sup> *The country girl*, no título original.

<sup>12</sup> *Judgement at Nuremberg*, no título original.

<sup>13</sup> Prêmio Cecil B. DeMille é uma honraria oferecida anualmente pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood, na cerimônia anual do Golden Globe. É atribuído individualmente àqueles que de alguma maneira contribuíram significativamente ao mundo do entretenimento..



RELICI

123

devido a uma dose mal calculada de barbitúricos”, escreveu o legista Gavin Thurston no obituário (SHIPMAN, 1992, p. 581). Esta foi a primeira vez, após a morte de Rodolfo Valentino, que uma fila de aproximadamente 20 mil pessoas formou-se em frente ao caixão aberto, na casa funerária *Frank E. Campbell*, em Nova York, para se despedir de uma estrela do cinema.

### CULTO APÓS A MORTE

O legado de Garland, como artista e como personalidade, ganhou força com o passar do tempo. Cinco anos após sua morte, em 1974, foi condecorada com o *Grammy Lifetime Achievement Award*<sup>14</sup>. Em janeiro de 2017, seus restos mortais foram removidos de Nova York e transferidos para o Hollywood Forever Cemetery, em Los Angeles, a pedido de sua família.

O American Film Institute<sup>15</sup> nomeou Garland como a oitava entre as *100 Maiores Estrelas de Hollywood de Todos os Tempos*. *O mágico de Oz* (1939) e *Nasce uma estrela* (1954) ocupam o terceiro e o sétimo lugar, respectivamente, como os melhores musicais na classificação do mesmo AFI. *O mágico de Oz* (1939) foi listado como o sexto melhor filme e *Somewhere over the rainbow* encabeça a preferência entre as músicas, tendo outras deste longa-metragem em posições de destaque em outra lista do AFI, como *Have yourself a merry little Christmas*, *Get happy*, *The trolley song* e *The man that got away*.

Ainda é possível afirmar que Judy Garland conquistou o prestígio da comunidade *gay*. É fácil perceber que a canção *Somewhere over the rainbow*, interpretada por Garland em *O mágico de Oz* (1939), trazia uma espécie de

---

<sup>14</sup> O *Grammy Lifetime Achievement Award* é uma das principais categorias do *Grammy Award*. É uma espécie de prêmio pelo conjunto da obra de um artista. O troféu tem o nome de Prêmio Bing Crosby, seu primeiro vencedor.

<sup>15</sup> *American Film Institute - AFI*. Disponível em: <<http://www.afi.com/100years/>>.

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. 2, p. 117-129, mai-ago, 2020

ISSN: 2357-8807



RELICI

mensagem àqueles que, isolados e reprimidos na época pré-Stonewall<sup>16</sup>, identificaram-se com os sonhos da personagem Dorothy e a sua história carregada de simbolismos e interpretações, sobre o viver em um lugar longe de problemas. Essa projeção é resultante da humanização da estrela, descrito anteriormente.

Oz foi uma pedra fundamental na mitologia gay por pelo menos cinco décadas, e os personagens e diálogos do filme se transformaram em códigos secretos para uma subcultura. Os homossexuais nas forças armadas dos Estados Unidos chamam a si mesmos como “amigos de Dorothy”, assim como a frase “Tenho a sensação de que não estamos mais no Kansas” virou um tradicional cumprimento de boas-vindas para pessoas de fora da cidade em visita a bares gays dos grandes centros. Para o público que assistia às imensamente populares exibições de *O Mágico de Oz* pela TV dos anos 1950 em diante, a imagem daquela ingênua e melancólica Garland adolescente era revestida de uma irônica consciência da atormentada e autodilacerante criatura na qual ela se transformava. Sua versão de *Somewhere over the rainbow* tornou-se um hino de dor que consideravam pertencentes a uma minoria desprezada. Sua interpretação da música parecia, como diz um personagem em *Judy at the Stonewall Inn*<sup>17</sup>, incorporar “todas as vozes do mundo em sofrimento torcidas em uma forma espectral” (BRANTLEY, 1994).

Em relação a Judy Garland ser uma das maiores representantes do universo LGBT+<sup>18</sup> do século 20 Kayleigh Adamson (2015) também contribui, afirmando que

assim como sua personagem, Judy Garland, na vida real, aceitava as pessoas diferentes e tornou-se um grande e definitivo ídolo da comunidade gay nos anos 1950 e 1960. Ela se enturmava fácil, era muito humana e, acima de tudo, era camp<sup>19</sup>. Camp, como definiu Babuscio<sup>20</sup>, é “o conjunto de elementos em uma pessoa, situação ou atividade que expressa ou é oriundo de uma sensibilidade gay”. Camp estava na essência de Garland.

<sup>16</sup> Marco inicial do movimento de orgulho homossexual nos EUA e no mundo. O evento ganhou este nome porque, na noite de 28 de junho de 1969, trabalhadores e clientes do local revidaram na mesma proporção a mais uma invasão policial com o uso da força e violência, para prender travestis sob a alegação de falta de licença para a venda de bebidas alcoólicas, mas com o objetivo de “reprimir a homossexualidade”.

<sup>17</sup> Filme de Thomas O’Neill sobre uma travesti que dubla a cantora e atriz no Stonewall Inn, *bar gay* situado em Nova York onde ocorreu a “Batalha de Stonewall”.

<sup>18</sup> Sigla para denominar o movimento *gay* como um todo. É formada pelas iniciais dos termos lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. O símbolo + incorpora as outras vertentes da sexualidade humana que não se encaixam nesses quatro termos anteriores.

<sup>19</sup> Camp é o nome dado a um estilo estético que considera que algo seja atraente justamente por causa de seu valor irônico ou extravagante ou ainda seja considerado de mau gosto pelo senso estético comum.

<sup>20</sup> Jack Babuscio é escritor e autor do livro *Camp and the gay sensibility* (2004).



RELICI

125

Ela era maior que a vida, alguém bem extravagante. No final de sua carreira, Judy começou a se perder, excedendo-se no álcool e nas drogas. Mesmo assim seus fãs ainda a amavam. De alguma forma ela desmoronava e não escondia a sua luta, só para mostrar o quão humana era e que não queria ser vista como vítima. Até hoje Judy Garland não é um exemplo de camp. Judy Garland é o camp (ADAMSON, 2015).

Na década de 1950, ser “amigo de Dorothy” era uma expressão utilizada entre os homossexuais com a intenção de indicar que alguém era gay. No entanto, alguns autores, a exemplo de Ken Cage e Evens Moyra, ao reafirmarem a idolatria à Garland, indicam que, possivelmente “esta expressão se referia à Dorothy Parker, uma autora que tinha muitos gays entre seus leitores, tendo a frase sido reaproveitada por ela após o filme *O mágico de Oz* (1939)” (CAGE; MOYRA, 2003, p. 10)

A respeito do mito Judy Garland e a mescla entre sua personalidade e sua persona, Caillois (1972) afirma:

Da realidade externa ao mundo da imaginação, do homem à atividade reflexa à imagem, o caminho talvez seja longo, mas sem cortes. Em todo lado os mesmos fios tecem os mesmos desenhos. Nada há que ser autônomo, gratuito, sem causa e sem fim: o próprio mito é equivalente de um ato (CAILLOIS, 1972, p. 63).

De acordo com Edgar Morin (1989), pode-se entender que em Hollywood, a vida das estrelas era enfeitada pelos cuidados do *Star System* e da cultura de massas. Os divórcios em série não significavam fracassos sucessivos, mas a busca constante pelo amor verdadeiro. As mudanças de endereço ininterruptas não eram vistas como instabilidade, mas como viagens paradisíacas. A presença nas festas, em grandes companhias, eram interpretadas como alegria, consumo e diversão; os isolamentos nas residências de luxo eram voluntários, para evitar aglomerações e não causados pela solidão, bem como os internamentos em hospitais eram apenas fadiga fruto do trabalho, não fruto da depressão ou do uso de drogas (MORIN, 1989, p. 130).



RELICI

126

Entendendo de maneira particular a aceitação do definhamento pessoal de Garland frente ao sistema imposto pelo *Star System*, Clarissa Estés (1999) apresenta uma referência para justificar esta trivialização da violência íntima, por ela denominada “aprendizado da impotência”, que da mesma maneira,

não só influencia as mulheres a ficarem com parceiros alcoólatras, padrões exploradores e grupos que se aproveitam delas e as importunam, mas também faz com que elas se sintam incapazes de se erguerem para apoiar aquilo que acreditam profundamente: sua arte, seu amor, seu estilo de vida, sua preferência política (ESTÉS, 1999, p. 183).

Para Shipman (1997), a morte de Judy aconteceu não pela falta, mas pelo excesso. Sua trajetória de vida reflete nada mais que a trajetória pura de Hollywood. Nos esforços dos estúdios em tentar criar a imagem de uma estrela perfeita, pouco se atentavam que isso teria um custo. Desde o início do seu estrelato trataram-na como um “patinho feio”, sendo pressionada até o ponto em que seu trabalho era dispensável. Sua vida, por isso, refletiu as experiências felizes e infelizes de seus personagens, assim como proposto a todas as estrelas do *Star System*. Judy Garland despertava o interesse de Hollywood apenas enquanto permanecia rentável.

Em analogia ao que afirma Estés (1999) sobre as mulheres, é possível entender que Judy Garland era ciente dos abusos que sofria pelos estúdios, assim como muitos outros astros e estrelas que despontaram até os dias de hoje, mas sonhava com um reconhecimento que nunca teve. Seu declínio iniciou quando lhe foi oferecida a primeira pílula. O vício que lhe confortava, era mais uma das escolhas erradas de sua vida.

A dependência de substância química é uma verdadeira armadilha. As drogas e o álcool são muito parecidos com um amante violento que nos trata bem a princípio e depois nos espanca; pede desculpas, é gentil por algum tempo e de repente volta a espancar. A armadilha consiste em tentar ficar levando em conta o lado bom, enquanto procuramos ignorar o lado negativo (ESTÉS, 1999, p. 187).



RELICI

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A protagonista de *O Mágico de Oz* (1939) se encontrava exatamente no ponto de intersecção entre o modelo e seu duplo. Ela própria almejava ser algo que não era. Frances Gumm almejava ser Judy Garland desde a adolescência. “A dependência começa quando a mulher perde sua vida feita à mão e cheia de significado e passa a ter uma fixação em resgatar de qualquer forma qualquer coisa que lembre essa vida” (Id., *ibid.*).

Ainda, segundo Estés (1999), o problema estava em ceder às drogas como fuga da realidade, entendendo que “a falta de instinto para reconhecer as armadilhas, para saber quando basta, para criar limites para a defesa da saúde e do bem-estar” foram excessos que, inicialmente causaram poucos problemas, mas que com o passar do tempo criaram corpo além do seu controle (ESTÉS, 1999, p. 186).

Ídolos que morreram de forma trágica e precoce entre as décadas de 1920 e 1960, o período de grande popularidade do cinema estadunidense no Século XX, eternizaram suas imagens ainda jovens como mitos da sétima arte. Além do já citado neste arquivo Rodolfo Valentino, de origem italiana e que faleceu em 1926 de complicações pós-cirúrgicas aos 31 anos de idade, podem ser listados como exemplo James Dean, Marilyn Monroe e Judy Garland. James Dean atuou em apenas três filmes, rodados entre 1953 e 1954. Em um deles, *Juventude Transviada* (1955)<sup>21</sup>, interpretou o personagem que personificava nos bastidores, um jovem inquieto, que não aceitava seguir os padrões de comportamentos da sociedade e sempre arrumava brigas e confusões. Ficou marcado como o grande nome da rebeldia juvenil ao não resistir, aos 24 anos, aos ferimentos provocados por um acidente automobilístico em uma estrada californiana em 1955, semanas antes de sua obra mais famosa chegar às telas dos cinemas. Marilyn Monroe tinha 36 anos quando uma overdose acidental de barbitúricos tirou a vida da estrela de filmes

---

<sup>21</sup> *Rebel without a cause*, no título original.



RELICI

128

como *Os homens preferem as louras* (1953)<sup>22</sup>, *Nunca fui Santa* (1956)<sup>23</sup> e *Quanto mais quente melhor* (1959)<sup>24</sup>, que a tornaram o mais famoso símbolo sexual de Hollywood.

Judy Garland morreu há exatamente meio século vítima das crueldades psicológicas impostas pelo Star System de Hollywood sem saber do grande significado de sua carreira e imagem pública para os fãs de seus filmes. Sobretudo sem ter noção de sua extrema relevância para vida destes mesmos, especialmente pela ajuda às pessoas a enfrentar seus dramas e problemas cotidianos através da identificação com a vida da atriz e cantora. E como tornou-se um ícone de toda uma camada da sociedade com grande representação e extrema importância sócio-histórica em todo o mundo.

## REFERÊNCIAS

ADAMATTI, Margarida M. **Caminhos cruzados entre intermedialidade, star system e música no Ébrio de Gilda de Abreu**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 42, p. 166-187, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/75278/47817>. Acesso em: 13 out. 2019.

ADAMSON, Kayleigh M. **“Somewhere over the rainbow”**: the gay anthem of the century. In: *Queer Cultura Collection: England and Woman’s Studies 245: Introduction to lesbian and gay studies*. Net, Londres. 2015. Disponível em <https://sites.psu.edu/245spring2015/2015/04/01/somewhere-over-the-rainbow-the-gay-anthem-of-the-century/>. Acesso em 13 jul. 2019.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Tradução Sérgio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar. 2015.

BRANTLEY, Ben. **Critics notebook**: why Oz is a state of mind in gay life and drag shows. In: *New York Times*. Net, Nova York. 1994. Disponível em <<https://www.nytimes.com/1994/06/28/movies/critic-s-notebook-why-oz-is-a-state-of->

<sup>22</sup> *Gentlemen prefer blondes*, no título original.

<sup>23</sup> *Bus stop*, no título original.

<sup>24</sup> *Some like it hot*, no título original.



RELICI

129

mind-in-gay-life-and-drag-shows.html?pagewanted=all&src=pm>, . Acesso em 12 jul. 2019. Acesso em 15 jul. 2019.

CAGE, Ken; MOYRA, Evans. **Gayle: The language of Kinks and Queens. A history and dictionary of gay language in South Africa.** Cape Town: Jacana, 2003. p. 10.

CAILLOIS, Roger. **O mito e o homem.** Lisboa: Edições 70. 1972.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Tradução: Waldéa Barcellos. Rocco, 1999.

FRICKE, John; SCARFONE, Jay; STILLMAN, William. **The Wizard of Oz: The oficial 50th Anniversary Pictorial History.** Warner Books. 1989.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema.** Tradução: Luciano Trigo. José Olympio. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/morin-as-estrelas.pdf>

SHIPMAN, David. **Judy Garland: a primeira biografia completa.** Rio de Janeiro: Record, 1997.